

SULPÍCIA E AS ELEGIAS AMOROSAS DE UMA JOVEM ROMANA

SULPICIA AND THE EROTIC ELEGIES OF A ROMAN GIRL

João Angelo Oliva Neto¹

Poeta (substantivo masculino): ser humano com o dom da poesia. [...].

a) fem.: poetisa; aum. joc. ou pej.: poetaço, poetastro;

b) modernamente o vocábulo “poeta” vem sendo usado como substantivo de gêneros no Brasil e em Portugal.

Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa

Resumo: *apresento as 11 elegias atribuídas por uns e não atribuídas por outros a Sulpícia, suposta sobrinha de Valério Messala Corvino (64–8 a.C.), orador, general, patrono das letras. A tradução foi feita em dísticos portugueses formados de alexandrino perfeito e decassílabo heroico. O modelo para assim traduzir encontro numa tradução que o poeta, crítico e também tradutor Péricles Eugênio da Silva Ramos (1919–1992) fez do poema 2, 27 de Sexto Propércio, poeta elegíaco romano do tempo de Augusto. Conjecturo que Péricles Eugênio desejasse obter em português não apenas a sucessiva variação entre um verso mais longo e outro mais curto, o que é de certa maneira simples, mas tentasse fazer que o verso menor fosse uma variação cataléctica do anterior, isto é, fosse uma variação dele construída por abreviação, assim como é o pentâmetro datílico em relação ao hexâmetro datílico em latim e grego. Para leitores não habituados à poesia antiga, a tradução é anotada e precedida de informações básicas referentes às letras latinas.*

Palavras-chave: Sulpícia; Tibulo; elegia amorosa romana; tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos; teoria do verso português.

Abstract: *I present a translation of the eleven elegies ascribed by some scholars to the young Sulpicia, who was niece of the orator, general and patron*

1 Doutor em Letras Clássicas pela USP. Professor de Língua e Literatura Latina na USP.

Valerius Messala Corvinus (64–8 b.C.). My Portuguese distich is built by the juxtaposition of a 12 syllable verse (with caesura, both masculine and feminine in the sixth syllable) and a decasyllable stressed in the sixth syllable, a model which I found in Péricles Eugênio da Silva Ramos's rendering of elegy 2, 27 by Propertius. I conjecture that Silva Ramos (1919–1992) intended not only to maintain the alternation of a verse followed by a shorter one, but also and mainly to reproduce the catalectic relation the shorter verse keeps with the longer one, just as dactylic pentameter does in relation with dactylic hexameter in ancient Greek and Latin poetry. To those not familiar with ancient poetry, some textual notes, concerning basic information, are added.

Keywords: Sulpicia; Tibullus; Roman erotic elegy; poetic translation; Péricles Eugênio da Silva Ramos' translation; theory of Portuguese verse.

Quem ou quê é “Sulpícia”

O nome de Sulpícia, tenha de fato existido uma poeta assim chamada, seja apenas uma *persona* poética, estará sempre vinculado ao poeta Álbio Tibulo (c. 55–19 a.C.). As 11 pequenas elegias atribuídas a ela, aqui traduzidas em verso, integram o problemático *Corpus Tibullianum*. Os dois primeiros livros do *Corpus* são atribuídos a Tibulo. O terceiro livro, todavia, contém supostamente poemas de outros autores, que, assim como Tibulo, integrariam talvez o círculo do Marco Valério Messala Corvino (64–8 a.C.). Os poemas e os supostos autores são os seguintes:

1. seis elegias cujo autor, conforme se lê numa delas (3, 29), é certo Lígdamo, que as dedica a amada Neéra;
2. um anônimo “Panegírico de Messala”, escrito em 211 hexâmetros datílicos;
3. as 11 elegias de Sulpícia, que tratam do amor que ela tem por um jovem chamado Cerinto.

Afora o fato de que o terceiro livro tenha sido no Renascimento dividido em dois, fazendo que *Corpus Tibullianum* para alguns contenha já não três, mas quatro livros, apresenta-se o difícil problema da autoria dos poemas, não apenas porque não se sabe quem compôs o “Panegírico”, mas também porque *Lygdāmus*, sendo palavra grega, em princípio só poderia ser nome de escravo. Porém, o “próprio” Lígdamo afirma provir de antiga família romana², o que indicaria tratar-se de pseudônimo e, como era previsível, o

2 Cf. III, 1, 2: *exoriens nostris hic fuit annus auis*, “este foi o dia que abria o ano para os nossos

primeiro candidato à autoria seria Tibulo, o poeta mais importante do círculo de Messala e do *Corpus* que leva seu nome. Entretanto, Lígdamo diz ter nascido em 43 a.C.³ e, como se sabe que Tibulo acompanhou Messala ao Oriente em 30 a.C.⁴, se Lígdamo fosse Tibulo, ele teria então integrado a comitiva com apenas 13 anos de idade, o que não é possível. Outro candidato seria Ovídio, com cujas elegias as elegias de Lígdamo apresentam mais de uma semelhança⁵, sempre atribuíveis, porém, à imitação, o que não deixa de ser excelente motivo, haja vista o caráter imitativo e emulativo da poética antiga. Há outras hipóteses, mais ou menos sedutoras, mas todas igualmente impossíveis de provar.

Chegamos ao caso de Sulpícia (*Sulpicia*), que, diferente de *Lygdāmus*, não apenas é nome romano, mas é também nome importante. Com efeito, sabe-se que existiu um Sérvio Sulpício Rufo, jurista, correspondente de Cícero⁶, e outro, o filho dele, que tinha o mesmo nome do pai. Sulpícia, que na elegia nona se diz *Serui filia*, “filha de Sérvio”, seria então filha deste mais jovem Sérvio Sulpício e sobrinha de Messala, filha de uma irmã dele. Se admitirmos ter vivido uma Sulpícia nessas condições, ela será em Roma a única poeta cujos escritos chegaram até nós, o que seria muito interessante, mas os estudiosos sempre tenderam a descrever nisso e a partir de 1979 (KEITH, 2006, p. 3), quando com o artigo de Santirocco se começou intensa e sistematicamente a estudar a questão, a despeito da recente crítica feminista a propugnar pela existência de uma mulher sujeito de si, de suas ações e de seus poemas, não deixou tampouco de haver incredulidade sobre o fato⁷. As hipóteses e o debate têm sido sutis a julgar, por exemplo, pela de Thomas K. Hubbard (KEITH, 2006, p. 8), segundo quem, tendo existido Sulpícia, filha de Sérvio Sulpício e sobrinha de Messala, a autoria, todavia, é de um homem que engendra discursivamente os afetos de uma jovem a que de propósito dá o nome de “Sulpícia”.

Não há como nem é o caso de propugnar aqui por uma ou outra posição. Se, como disse, é bem interessante a ideia de que um dia viveu a delicada porém valente Sulpícia que as 11 elegias que leremos nos revelam, não é menos digno de nosso interesse a possibilidade de que sejam construção

ancestrais”. Em III, 4, 60, declara ser de boa família, *casta domo*, e em III, 6, 60, afirma que seu rival no amor de Neëra é um desconhecido, *ignoto*.

3 O verso é de III, 5, 18, *cum cecidit fato consul uterque pari*, “quando os dois cônsules morreram abatidos por idêntica fatalidade, que se refere ao fato de que na batalha de Múтина (atual Módena) morreram os dois cônsules, Aulo Hírsio e Cássio Pansa.

4 Cf. I, 7, 5-10; I, 3, 1-8 e 56.

5 A mais notável é justamente a utilização que Ovídio nos *Tristia*, IV, 10, 6 faz do mesmo verso *cum cecidit fato consul uterque pari* para indicar a data em que nasceu; cf. nota 7.

6 *Ad. Fam.* IV, 5 e IV, 12.

7 Para bibliografia anterior sobre Sulpícia, remeto o curioso leitor ao livro de SKOIE (2002).

poética, bem entendido, de que *decorram* de um discurso poética e retoricamente muito bem engendrado que construam com verossimilhança o caráter, os afetos e as ações da personagem Sulpícia: tudo o que lemos de Sulpícia já não seria o testemunho de uma vicissitude, já não seria a causa material do que dela sabemos, mas, em sentido contrário, seria bem o efeito⁸ da construção discursiva de um poeta, mulher ou homem, que não sabemos nem precisamos saber ao certo quem é: a Medeia de Eurípides, e também a de Sêneca, não precisaram existir historicamente para ser uma espécie de quintessência do caráter feminino.

Tal como em Catulo nos anos finais da República, e nos outros três poetas elegíacos do tempo de Augusto, a mulher amada tem nome grego (Lésbia em Catulo; Cíntia em Propércio; Délia e Nêmesis em Tibulo, Neéra em Lígdamo e Corina em Ovídio), assim também no caso de Sulpícia ocorre com o amado, Cerinto: palavra, que no gênero masculino (Κήρινθος), é o alimento das abelhas, feito de néctar e pólen, e no gênero neutro (Κήρινθον) é um tipo de flor. E se o nome fosse o criptônimo de alguma personalidade histórica verdadeira, hoje não se sabe quem é.

Sulpicias vernáculos e agora uma Sulpícia cataléctica

Antes de explicar o critério de minha tradução, registro brevemente aqui a preexistência de pelo menos duas traduções completas em português dos poemas de Sulpícia e de todo *Corpus Tibullianum*: a) uma em verso: a tradução em decassílabos brancos do português Aires de Gouveia, o “curioso obscuro”, da qual grande parte foi publicada no jornal português *O Instituto*, a partir do volume 6 (1858), e depois duas vezes em livro, em 1910 e 1912; e b) outra em prosa: a desconhecida tradução de Giulio Davide Leoni, publicada em 1968 no Brasil.

Quanto a mim, traduzi as 11 elegias de Sulpícia em dísticos vernáculos cujo primeiro verso contém alexandrino perfeito (isto é, verso de 12 sílabas acentuado obrigatoriamente na sexta sílaba terminada ou em palavra oxítona ou em palavra paroxítona com sinalefa com a sílaba seguinte) e versos decassílabos heroicos (isto é, dotados de necessário acento na sexta sílaba), ambos sem rima.

O modelo para traduzir desse modo os dísticos elegíacos gregos e latinos encontrei no poeta, tradutor, ensaísta e professor Péricles Eugênio da Silva Ramos (1919–1992), que traduziu assim a elegia 2, 27 de Propércio (RAMOS, 1964, p. 199). Como recentemente tive oportunidade de

8 Para a questão de um “discurso elegíaco” como causa da impressão de verdade, ou seja, da verossimilhança, cf. MARTINS (2009), em especial a seção do capítulo 1 “ἦθος e πάθος: a construção do efeito”.

conjecturar melhor (OLIVA NETO 2015, p. 151-184), creio que Péricles Eugênio, conhecedor de métrica que era, pretendia reproduzir em português não apenas a característica mais evidente do dístico elegíaco antigo, que, *grosso modo*, é formado de um verso seguido de outro menor do que ele, mas talvez quisesse sobretudo reproduzir o caráter cataléctico do verso menor. Explico em meras, breves palavras: é costume dizer que o dístico elegíaco antigo é formado por um hexâmetro datílico seguido de um pentâmetro datílico. Já na Antiguidade os metricistas latinos chamavam “pentâmetro” ao verso menor, que porém, é na verdade um hexâmetro datílico a que faltam dois pés. Em outras palavras, o assim chamado “pentâmetro” datílico é um hexâmetro datílico duplamente cataléctico, ou seja, é uma *variação* do hexâmetro construída por dois cortes que produzem *abreviação*. Assim sendo, suponho que o poeta Péricles Eugênio pretendia talvez que o verso menor de seu dístico vernáculo já não estabelecesse, na sucessão de dísticos, apenas a *alternância* entre versos mais longos e versos mais curtos, como fazem outros tradutores de poemas antigos escritos em dísticos elegíacos⁹, mas conjecturo que ele também queria estabelecer, para reproduzir em português o caráter cataléctico do pentâmetro datílico, a *variação por abreviação* que o decassílabo heroico manifesta relativamente ao alexandrino perfeito. Exemplifico com os dois versos iniciais, já escandidos, da já citada elegia 2, 27 de Propércio traduzida por Péricles Eugênio:

Da morte vós quereis || saber a hora incerta, [6 + 6]
e a senda pela qual || ela virá. [6 + 4]

Como se pode observar, neste dístico vernáculo o alexandrino soa como dois hexassílabos separados por pausa menor, a da cesura, seguidos de uma pausa maior, a do fim do verso, acrescidos de outro hexassílabo, que é a primeira parte do decassílabo heroico, quando então se sucede o fim do decassílabo heroico, que em qualquer possibilidade jamais será de novo um hexassílabo, mas necessariamente um verso menor (tetrassílabo, trissílabo ou dissílabo¹⁰): no caso é um tetrassílabo. Ora, depois de ouvir

9 Exemplifico com seleção de elegias que José Paulo Paes traduziu de Ovídio (OVÍDIO 1997) em dísticos compostos de um verso de 14 sílabas, seguido de um de 12. O verso de 12 sílabas *não* integra o de 14, isto é, não é parte dele, de modo que não soa como abreviação do maior, mas soa apenas como um verso menor do que ele. Apresento justamente o verso que Ovídio imitou de Lígdamo (p. 67):

editus hic ego sum nec non ut tempora noris, Lá nasci; para que saibas a época foi quando
cum cecidit fato consul uterque pari. Um mesmo fado tiveram ambos os cônsules.

10 O segundo hemistíquio do decassílabo será tetrassílabo, trissílabo ou dissílabo se respectivamente o primeiro hemistíquio for oxítono: “Possa diminuir || o amor perfeito” (Camões); se for paroxítono: “Leda serenida || deleitosa” (Camões), e se for proparoxítono: “Órbitas

três hexassílabos, o ouvido – por causa tripla ocorrência, que lhe soa como *padrão* – espera ouvir mais um hexassílabo, mas ouve algo diferente, no caso um tetrassílabo: eis aí a variação por abreviação, que neste tipo de versos, como já afirmei, pressupõe que o primeiro verso seja alexandrino perfeito e o segundo decassílabo heroico.

Acredito que Péricles Eugênio tenha assim procedido na tradução do poema de Propércio. Se porventura não procedeu, decidi eu, por causa do efeito que acredito existir, assim proceder sistematicamente para traduzir as elegias de Sulpícia.

*Elegias de Sulpícia*¹¹

Elegia primeira (livro III, 8 = IV, 2)

Sulpicia est tibi culta tuis, Mars magne, calendis:
spectatum e caelo, si sapis, ipse ueni.
Hoc Venus ignoscet: at tu, uiolente, caueto,
ne tibi miranti turpiter arma cadant.
Illius ex oculis, cum uolt exurere diuos, 5
accendit geminas lampadas acer Amor.
Illam, quidquid agit, quoquo uestigia mouit,
componit furtim subsequiturque Decor.
Seu soluit crines, fuis decet esse capillis,
seu compsit, comptis est ueneranda comis. 10
Urit, seu Tyria uoluit procedere palla,
urit, seu niuea candida ueste uenit.
Talis in aeterno felix Vertumnus Olympo
mille habet ornatus, mille decenter habet.
Sola puellarum digna est, cui mollia caris 15
uelleram det sucis bis madefacta Tyros,
possideatque, metit quicquid bene olentibus aruis
cultor odoratae diues Arabs segetis,
et quascumque niger Rubro de litore gemmas
proximus Eois colligit Indus aquis. 20
Hanc uos, Pierides, festis cantate calendis,
et testudinea Phoebe superbe lyra.
Hoc sollemne sacrum multos summet in annos:
dignior est uestro nulla puella choro.

Sulpícia no teu dia! ornou-se para ti,
grã Marte: vem do céu, se és fino, e admira-a.
Vénus perdoará, mas tu, ó bravo, cuida,
que torpe não te caiam pasmo as armas.
Nos olhos dela, quando aos deuses quer arder,
gêmeas tochas acerbo Amor acende.
Ela, o que faça, aonde os passos quer que mova,
governa-a a Graça e, oculta, vai seguindo-a.
Quando os cabelos solta, é linda tendo-os soltos;
quando os penteia, é bela por penteá-los.
Incendeia se vem e passa em Tirio manto
incendeia se vem, reluz vestida em neve.
Assim, feliz, no Olimpo eterno tem Vertumno²
adornos mil e os mil lhe ficam bem.
Das meninas só ela é digna de ganhar
os caros Tírios véus tintos, retintos
e guardar quanto colhe em campos bem cheirosos
o árabe, a quem faz rico a olente messe,
e todas que no Mar Vermelho apanha pérolas,
perto de eoas³ águas, o Indo negro.
Cantai-a, Piérias⁴, nas calendas santas! Cantai-a,
ó Febo, a quem cascosa lira⁵ orgulha!
Loa sagrada assim terá por muitos anos:
jovem não há mais apta a vosso canto.

hiperbólicas || extensas” (Geir Campos); cf CHOCIAY, p. 113-114.

11 Adotei a edição de Ponchont (1989), cotejada com a terceira edição e os comentários de Guy Lee (1990) e a de Postgate, revista por J. P. Goold em 1988.

Elegia segunda (livro III, 9 = IV, 3)

Parce meo iuueni, seu quis bona pascua campi
 seu colis umbrosi deuia montis aper,
 nec tibi sit duos acuisse in proelia dentes,
 incolumem custos hunc mihi seruet Amor.
 Sed procul abducit uenandi Delia cura: 5
 o pereant siluae, deficiantque canes!
 Quis furor est, quae mens, densos indagine colles
 claudentem teneras laedere uelle manus?
 Quidue iuuat furtim latebras intrare ferarum
 candidaque hamatis crura notare rubis? 10
 Sed tamen, ut tecum liceat, Cerinthe, uagari,
 ipsa ego per montes retia torta feram,
 ipsa ego uelocis quaeram uestigia cerui
 et demam celeri ferrea uincta cani.
 Tunc mihi, tunc placeant siluae, si, lux mea, tecum 15
 arguar ante ipsas concubuisse plagas:
 tunc ueniat licet ad casses, illaestus abibit,
 ne Veneris cupidae gaudia turbet, aper.
 Nunc sine me sit nulla uenus, sed lege Dianae,
 caste puer, casta retia tange manu, 20
 et quaecumque meo furtim subrepat amori,
 incidat in saeuae diripienda feras.
 At tu uenandi studium concede parenti
 et celer in nostros ipse recurre sinus.

Poupes o meu rapaz, quer fértil pasto habites,
 javali, quer rincões de umbroso monte,
 e não tenhas de afiar na pugna os duros dentes:
 Amor guardião a mim o traga incólume!
 Mas longe o leva a Délia⁶ adoração da caça:
 morram selvas, e cães desapareçam!
 Que insânia, que furor querer de ardis cercar
 densos montes e tenras mãos ferir?
 Que importa oculto penetrar covis de fera
 e alvas coxas marcar de espinhos, sarças?
 Mas, para que a teu lado eu possa andar, Cerinto⁷,
 eu mesma redes vou levar aos morros,
 eu mesma rastros vou buscar de um ágil cervo
 e um cão veloz livrar de férreo laço:
 lá, selvas hei de amar, se eu comprovar, luz minha,
 que contigo deitei junto às ciladas;
 lá, vindo à rede, ileso há de partir (que o gozo
 de aceso amor não turbe) o javali.
 Porém sem mim não vais e, com Diana,
 casto rapaz, na rede põe mãos castas;
 e quem furtiva ao meu amor queira insinuar-se,
 caída, bestas-feras dilacerem-na.
 Vê se deixa a teu pai, Cerinto, o amor da caça
 e vem logo, correndo, ao meu regaço.

Elegia terceira (livro III, 10 = IV, 4)

Huc ades et tenerae morbos expelle puellae,
 huc ades, intonsa Phoebe superbe coma.
 Crede mihi, prospera, nec te iam, Phoebe, pigebit
 formosae medicas applicuisse manus.
 Effice ne macies pallentes occupet artus, 5
 neu notet informis pallida membra color,
 et quodcumque mali est et quicquid triste timemus,
 in pelagus rapidis euehat amnis aquis.
 Sancte, ueni, tecumque feras, quicumque sapores,
 quicumque et cantus corpora fessa leuant, 10
 neu iuuenem torque, metuit qui fata puellae
 uotaque pro domina uix numeranda facit.
 Interdum uouet, interdum, quod langueat illa,
 dicit in aeternos aspera uerba deos.
 Pone metum, Cerinthe: deus non laedit amantes. 15
 Tu modo semper ama: salua puella tibi est.
 Nil opus est fletu: lacrimis erit aptius uti, 21
 si quando fuerit tristior illa tibi.
 At nunc tota tua est, te solum candida secum 17
 cogitat, et frustra credula turba sedet.

Vem e à terna menina expulsa o mal que tem,
 vem, Febo, a quem orgulham longos cachos.
 Se te apressares, crê, não vais te arrepender,
 Febo, de, bela, pôr-lhe mãos de médico.
 Não deixes a magrez tomar-lhe o corpo lívido,
 nem cor malsã marcar-lhe os membros pálidos
 e o que de mal houver e de grave eu temer
 lesta águas do rio ao mar carreguem.
 Ó santo, vem e traz contigo quantas ervas,
 quantos encantos ergam lassos corpos,
 sem tormento ao rapaz que pela jovem teme
 e votos faz pela Senhora⁸ inúmeros.
 Às vezes ao rogar, por vê-la enferma, diz
 aos deuses imortais palavras duras.
 Deixa o temor, Cerinto: o deus não fere amantes.
 Tu, só ama: e a menina estará salva.
 Não há por que chorar: lágrimas servirão
 V se ela contigo se zangar demais.
 Agora é toda tua e cândida só pensa
 em ti, e a esperam, vãos, mil pretendentes.

Phoebe, faue: laus magna tibi tribuetur in uno
 corpore seruato restituisse duos.
 Iam celebrer, iam laetus eris, cum debita reddet 23
 certatim sanctis laetus uterque focis.
 Tum te felicem dicet pia turba deorum, 25
 optabunt artes et sibi quisque tuas.

Febo, ajuda! Hás de ter grande louvor se tu,
 curando um ser, salvares duas vidas
 e insigne e ledo então serás quando disputem
 ledos no altar quem mais te mostra gratidão.
 “Feliz” dirá de ti o bando pio dos deuses,
 cada qual desejando as tuas artes.

Elegia quarta (livro III, 11 = IV, 5)

Qui mihi te, Cerinthe, dies dedit, hic mihi sanctus
 atque inter festos semper habendus erit.
 Te nascente nouum Parcae cecinere puellis
 seruitium et dederunt regna superba tibi.
 Uror ego ante alias: iuuat hoc, Cerinthe, quod uror, 5
 si tibi de nobis mutuus ignis adest.
 Mutuus adsit amor, per te dulcissima furta
 perque tuos oculos per Geniumque rogo.
 Mane Geni, cape tura libens uotisque faueto,
 si modo, cum de me cogitat, ille calet. 10
 Quodsi forte alios iam nunc suspiret amores,
 tum precor infidos, sancte, relinque focos.
 Nec tu sis iniusta, Venus: uel seruiat aequae
 uinctus uterque tibi, uel mea uincla leua.
 Sed potius ualida teneamur uterque catena, 15
 nulla queat posthac quam soluisse dies.
 Optat idem iuuenis quod nos, sed tectius optat:
 nam pudet haec illum dicere uerba palam.
 At tu, Natalis, quoniam deus omnia sentis,
 annue: quid refert, clamne palamne roget? 20

O dia que me deu a ti, Cerinto, sempre
 será santo, a contar entre os sagrados.
 Nasceste, e as Parcas⁹ nova escravidão decretam
 às meninas, e a ti, soberbo império.
 5 Mais que todas eu ardo e apraz-me arder, Cerinto,
 se, mútua, em ti chegar a minha chama.
 Que seja mútuo o amor: por teus furtos tão doces,
 por teus olhos, te peço, e por teu Gênio¹⁰.
 Bom Gênio, acolhe o incenso e ao voto sê propício:
 que ele, pensando em mim, ressinta o ardor.
 Se acaso já por outro amor suspira agora,
 rogo deixes, ó santo, infidos Lares¹¹.
 Vênus, não sê¹² injusta: aceita acorrentados
 dois escravos ou solta-me as correntes.
 Melhor será que aos dois nos prendam duras peias,
 que nenhum dia logre após soltar.
 O mesmo que eu, porém pede em segredo o jovem:
 palavras tais dizer às claras peja-o.
 Mas tu, Natal¹³, que, deus, a tudo vês, anui:
 rogue oculto ou em público, que importa?

Elegia quinta (livro III, 12 = IV, 6)

Natalis luno, sanctos cape turis acervos,
 quos tibi dat tenera docta puella manu.
 Tota tibi est hodie, tibi se laetissima compsit,
 staret ut ante tuos conspicienda focos.
 Illa quidem ornandi causas tibi, diua, relegat, 5
 est tamen, occulte cui placuisse uelit.
 At tu, sancta, faue, neu quis diuellat amantes
 sed iuueni quaeso mutua uincla para.
 Sic bene compones: ullae non ille puellae
 seruire aut cuiquam dignior illa uiro. 10
 Nec possit cupidus uigilans deprendere custos,
 fallendique uias mille ministret Amor.
 Annue purpureaque ueni perlucida palla:
 ter tibi fit libo, ter, dea casta, mero.
 Praecipit et natae mater studiosa quod optat: 15
 illa aliud tacita, iam sua, mente rogat.
 Uritur, ut celeres urunt altaria flammae,

Ó natalícia Juno¹⁴, aceita o santo incenso,
 que terna mão te dá de jovem douta.
 Hoje é toda tua, ornou-se para ti
 feliz, por estar linda em teu altar.
 Imputa, ó deusa, a ti, a causa de enfeitar-se,
 mas quer a ocultas outro seduzir.
 deusa, dá que ninguém, amantes, os separe
 e prepara ao rapaz mútas correntes.
 Une-os: que ele não queira outra mulher jamais
 servir, nem ela atraia outro rapaz.
 Ardorosos, atento, os não apanhe o guarda:
 ensine Amor mil formas de enganá-lo.
 Anui e vem, brilhando, ó casta, em manto púrpura,
 três dons de bolo ofertado e três de vinho.
 A mãe zelosa ensina à filha o que rogar,
 mas ela ocultos tem seus outros próprios planos.
 Arde, como no altar céleres ardem chamadas

nec, liceat quamvis, sana fuisse uelit.
Sis iuueni grata: ueniet cum proximus annus,
hic idem uotis iam uetus extet amor. 20

e, bem que possa, não quer ser curada.
Sê propícia ao rapaz: no ano que vem, já velho
brilhe este amor nos votos que ela faça.

Elegia sexta (livro III, 13 = IV, 7)

andem uenit amor, qualem texisse pudori
quam nudasse alicui sit mihi fama magis.
Exorata meis illum Cytherea Camenis
attulit in nostrum deposuitque sinum. 5
Exsoluit promissa Venus: mea gaudia narret,
dicetur siquis non habuisse sua.
Non ego signatis quicquam mandare tabellis,
ne legat id nemo quam meus ante, uelim,
sed peccasse uiuat, uultus componere famae
taedet: cum digno digna fuisse ferar. 10

Chegou-me enfim o amor, tal, que era mais infame
cobri-lo em pejo do que a alguém o expor.
Citereia¹⁵ o guiou, aplacada por minhas
Camenas¹⁶, e em meu peito o acomodou.
As promessas cumpriu-as Vênus: meus prazeres
narre quem se afamar de os seus não ter.
Nada quero lavrar em tabuinhas seladas¹⁷,
leiam-me antes que meu amor, mas praz-me
ter errado e fingir um rosto à fama ofende-me.
Digam que digna eu fui com quem foi digno.

Elegia sétima (livro III, 14 = IV, 8)

Inuis natalis adest, qui rure molesto
et sine Cerintho tristis agendus erit.
Dulcius urbe quid est? An uilla sit apta puellae
atque Arretino frigidus amnis agro?
Iam, nimium Messalla mei studiose, quiescas, 5
heu tempestiuae, saepe propinque, uiae!
Hic animum sensusque meos abducta relinquo,
arbitrio quamuis non sinis esse meo.

Ingrato aniversário em tão molesto campo,
e longe de Cerinto, vou passar!
A cidade é tão doce! A meninas que valem
a vila e um frio arroio em terra Arícia¹⁸?
Ah, Messala, de mim tão zeloso, sossega:
viagens, tio¹⁹, costumam ser impróprias.
Quanto penso, o que sinto, aqui, raptada, eu largo
pois não deixas que o faça por mim mesma.

Elegia oitava (livro III, 15 = IV, 9)

Scis iter ex animo sublatum triste puellae?
Natali Romae iam licet esse suo.
Omnibus ille dies nobis natalis agatur,
qui nec opinanti nunc tibi forte uenit.

Sabes? Já não me pesa ao peito a triste viagem!
Fico em Roma no meu aniversário!
Juntos, vamos passar o dia de meus anos,
que acaso veio sem que o esperasses.

Elegia nona (livro III, 16 = IV, 10)

Gratum est, securus multum quod iam tibi de me
permittis, subito ne male inepta cadam.
Sit tibi cura togae potior pressumque quasillo
scortum quam Serui filia Sulpicia:
solliciti sunt pro nobis, quibus illa dolori est, 5
ne cedam ignoto, maxima causa, toro.

Folgo do quanto já tu te permites, crente
de que eu não faça logo uma tolice.
Que em tudo sejas tu atento a prostitutas
mais que a Sulpícia, sim!, filha de Sérvio:
há quem por mim se inquiete, aos quais provoca enorme
sofrimento que eu ceda a um leito ignóbil.

Elegia décima (livro III, 17 = IV, 11)

Estne tibi, Cerinthe, tuae pia cura puellae,
quod mea nunc uexat corpora fessa calor?
A ego non aliter tristes euincere morbos

Cerinto, não tens dó de mim, tua menina,
quando a febre destroi meu corpo lasso?
Mas só queria eu vencer meu triste mal

optarim, quam te si quoque uelle putem.
At mihi quid prosit morbos euincere, si tu 5
nostra potes lento pectore ferre mala?

de vez, se eu visse que também quisesses.
Que vale o mal vencer se tens um coração
insensível à minha enfermidade?

Elegia undécima (livro III, 18 = IV, 12)

Ne tibi sim, mea lux, aequieam feruida cura
ac uideor paucos ante fuisse dies,
si quicquam tota conmihi stulta iuuenta,
cuius me fatear paenituisse magis,
hesterna quam te solum quod nocte reliqui, 5
ardorem cupiens dissimulare meum.

Que eu não valha, luz minha, os teus cuidados férvidos
(como, creio, eu valia há poucos dias),
se cometi qualquer tolice quando jovem
da qual confessaria mais remorso
do que deixar-te ali tão só ontem de noite,
desejando ocultar o meu ardor.

(Notas das Elegias)

- 1 Teu dia: *tuis calendis*; é o dia 1o de março, as chamadas “calendas de março”. O dia e o mês são dedicados a Marte, mas também era o dia das-Matronalia (“mães”), dedicado a Juno Lucina, protetora das esposas, das mães e puérperas.
- 2 Vertumno: *Vertumnus*; deus romano das estações; o nome é ligado ao verbo *vertere*, “mudar”.
- 3 Eoas: orientais.
- 4 Piérias: as Musas, assim chamadas por causa da fonte situada na Piéria, região do monte Olimpo, onde as Musas brincaram assim que nasceram.
- 5 Cascosa lira: *testudinea lyra*. A lira é feita com a carapaça da tartaruga (*testudo*).
- 6 Délia: epíteto de Diana, deusa da caça e dos lugares ermos e virgens como ela.
- 7 Cerinto: “*Cerinthus* é, portanto, um vocábulo cujas ligações às abelhas, ao mel e, por conseguinte, à cera são bem evidentes, não sendo de forma alguma surpreendente que κήρινθος derive de κηρός, ‘cera’. Quanto a esta substância, é amplamente conhecida a extrema importância que assume para os elegíacos romanos, já que eram as tabuinhas de cera o meio de comunicação com a amada. Desta forma, deparamo-nos com uma forte identificação entre a cera e a escrita”. (FILIPE, 2002, p. 61); cf. elegia sexta, v. 7, nota.
- 8 Senhora: *domina*. No código elegíaco amoroso o amante, afetado pelo mal de amor, submete-se como escravo a sua amada, que, assim, é chamada *domina*; cf. elegia quarta, v. 4, *seruitium*, “escravidão”, e v. 13, *seruiat*, do verbo *servire*, “ser escravo”, que traduzi por “aceita dois escravos”.
- 9 Parcas: *Parcae*. As três deusas do destino, equivalentes às Moiras gregas.
- 10 Gênio: *genium*; espírito divino que regia o destino de um indivíduo, de um lugar e até de um dia festivo, como aqui, o dia do aniversário.
- 11 Lares: divindades protetoras da casa.
- 12 Não sê: saiba o leitor severo que para esta forma licenciada tomo a liberdade de me apoiar no exemplo de Chico Buarque de Holanda, que na canção “Fado Tropical” diz: “Mas não sê tão ingrata, / Não esquece quem te amou / E em tua densa mata / Se perdeu e se encontrou”; itálicos meus. Lembro que principalmente em poesia, mas não apenas nela, os autores latinos formam imperativo negativo antepondo *ne* à forma do imperativo afirmativo, como em *ne time* (Liv. 3, 2, 9).
- 13 Natal: *Natalis*, é o Gênio, o espírito divino que rege o dia do nascimento de Cerinto; ver nota seguinte.
- 14 Natalícia Juno: *Natalis Iuno*. Como Juno, sob o epíteto de Lucina (“aquela que assiste a quem dá à luz”), preside ao parto, preside também ao dia do aniversário.
- 15 Citereia: *Cytherea*, epíteto de Vênus. Citera é ilha grega onde havia santuário de Vênus.

- 16 Camenas: *Camenis*. as Musas. Camena é palavra latina ligada ao verbo *canere*, “cantar”.
17 Tabuinhas: as tabuinhas encerradas em que se escreviam bilhetes, rascunhos de composições e até documentos. Mas neste verso, seladas, *signatis*, indicaria, ao contrário do verso seguinte, que os escritos seriam secretos, protegidos, à semelhança do que fazia nos codicilos, que é uma emenda ao testamento: Sulpícia não esconde nada.
18 Terra Arícia: *Arretino agro*. É a atual Arezzo, na Toscana.
19 Tio: *propinque*, vocativo de *propinquus*, “parente”.

BIBLIOGRAFIA

AIRES DE GOUVEIA. *As elegias e os carmes de Tibullo e algumas elegias de Propércio e carmes fugitivos de Catullo traduzidos em português por um Curioso Obscuro*. Porto: Typ da Empresa Litteraria e Typographica, [1912?].

CHOCIAJ, Rogério. *Teoria do verso*. São Paulo / Rio de Janeiro / Belo Horizonte / Porto Alegre: Editora McGraw-Hill do Brasil, 1974.

CORNISH, Francis Warre; POSTGATE, John Percival; MACKAIL, John William (orgs). *Catullus, Tibullus, Pervigilium Veneris*. Translated by F. W. Cornish, J. P. Postgate, J. W. Mackail; 2nd ed. revised by J. P. Goould. Cambridge: Harvard University Press / London: W. Heinemann. 1989. The Loeb Classical Library vol. 6.

FARIA, Ernesto. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.

FILIPE, Raquel Teixeira. “As elegias de Sulpícia: uma voz feminina num mundo de homens”. *Ágora: Estudos Clássicos em Debate*. Aveiro (Portugal), n. 4, p. 57-78, 2002.

KEITH, Alison. “Critical trends in interpreting Sulpicia”. *The Classical World*, v. 100, n. 1, p. 3-10, Fall, 2006.

LEE, Guy (org.). *Tibullus: elegies*. Introduction, text, translation and notes by Guy Lee. 3rd ed. revised in collaboration with Robert Maltby, 1990.

MARTINS, Paulo. “ἦθος e πάθος: a construção do efeito”. In _____. *Elegia romana: construção e efeito*. Prefácio de João Adolfo Hansen. São Paulo, Humanitas, 2009, p. 49-87.

OLIVA NETO, João Angelo. “11 poemas de Propércio (I, 1-11) traduzidos com o verdadeiro dístico elegíaco de Péricles Eugênio da Silva Ramos”. In _____. (org.). *Cadernos de literatura em tradução*. São Paulo, n. 15, p. 151-184, 2015.

OVÍDIO. *Poemas da carne e do exílio*. Seleção, tradução, introdução e notas de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

- PONCHONT, Max (org). *Tibulle et les auteurs du Corpus Tibullianum*. Texte établi et traduit par Max Ponchont. Huitième tirage. Paris: Société d'édition "Les Belles Lettres", 1989.
- RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. *Poesia grega e latina*. Seleção, notas e tradução direta do grego e do latim por Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo, Cultrix, 1964.
- SANTIROCCO, Matthew S. "Sulpicia Reconsidered". *The Classical Journal*, v. 74, n. 3, p. 229-239, Feb.–Mar. 1979.
- SKOIE, Mathilde. *Reading Sulpicia: comentaries 1475-1990*. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- TIBULO, Álbio. *Elegias*. Apresentação e tradução de G. D. Leoni. São Paulo: Publicações da "Rassegna Brasiliana di Studi Italiani", 1968.

Recebido em: 29/11/2015. Aceito em: 12/12/2015.